

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

**RIOS QUE ATRAVESSAM:
CORRENTEZAS DE MEMÓRIA, IMAGINÁRIO E CIDADE**

**RIVERS THAT CROSS:
CURRENTS OF MEMORY, IMAGINATION AND THE CITY**

Rebeca Franco Fonseca de Freitas¹
UFPel

Cláudia Mariza Mattos Brandão²
UFPel

RESUMO

Este artigo discute as relações entre memória, imaginário e cidade por meio da simbologia da água como imagem fundante na trajetória da autora. Articulam-se elementos da infância, da experiência urbana entre Belo Horizonte e Contagem, dos desastres ambientais em Minas Gerais e das vivências formativas em fotografia. O estudo parte da premissa de que o tempo, tal como sugere uma perspectiva espiral (Martins, 2021), manifesta-se simultaneamente nos planos do vivido, da imagem e do devaneio. A água, enquanto eixo simbólico, emerge como operador poético que organiza as narrativas da memória individual e coletiva. O artigo propõe compreender a fotografia como suporte entre margens, sustentada pela potência da água como metáfora da permanência e do desaparecimento.

Palavras-Chave: Memória. Rios. Fotografia. Imaginário. Cidade.

ABSTRACT

This article discusses the relationships between memory, the imaginary, and the city through the symbolism of water as a foundational image in the author's trajectory. Elements of childhood, urban experiences between Belo Horizonte and Contagem, environmental disasters in Minas Gerais, and formative experiences in film and photography are articulated. The study starts from the premise that time, as suggested by a spiral perspective (Martins, 2021), manifests itself simultaneously in the realms of lived experience, image, and reverie. Water, as a symbolic axis, emerges as a poetic operator that organizes the narratives of individual and collective memory, as well as the images produced in the research "Seen Never Seen Before". The article proposes to understand photography as a support between margins, sustained by the power of water as a metaphor for permanence and disappearance.

KEYWORDS: Memory. Rivers. Photography. Imagination. City.

¹ Mestranda e bolsista do PPGArtes, do Centro de Artes/UFPel. Graduada em Cinema, é pesquisadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Lattes (<https://lattes.cnpq.br/8357939265332100>)

² Professora do curso de Artes Visuais - Licenciatura e do PPGArtes, Centro de Artes/UFPel. Líder do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Lattes (<http://lattes.cnpq.br/4898554772122279>)

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

Em 1969, Paulinho da Viola canta: “Foi um rio que passou em minha vida”. Este verso, que sintetiza a confluência entre território, afeto e pertencimento, atravessa também a presente investigação, que comprehende a água como elemento simbólico e estruturante de memórias pessoais e coletivas. O rio, entendido aqui para além de sua materialidade física, torna-se metáfora para os movimentos do imaginário (Durand, 2001), do devaneio (Bachelard, 1988) e da memória espiralar (Martins, 2021).

A discussão apresentada embasa o projeto de dissertação desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPel), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, vinculada ao PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação.

Este artigo deriva de um capítulo de dissertação que entrelaça experiências biográficas, imagens fotográficas e referências teóricas. A água, que na infância pode oferecer frescor e acolhimento, transforma-se na vida adulta em símbolo de perda, devastação e urgência ambiental, especialmente diante de enchentes, secas e tragédias socioambientais como Mariana/MG (2015) e Taquari/RS (2024). Assim, a memória afetiva articula-se às memórias territoriais, e a cidade, sobretudo Belo Horizonte/MG e Taquari/RS, torna-se cenário e corpo simbólico dessas afetações.

A seguir, desenvolve-se uma reflexão sobre como rios, cidade e memória constituem um mesmo tecido imagético capaz de produzir sentidos e reorganizar temporalidades.

Entre água doce e memória, entre presença e ausência, a infância da autora é marcada pela água como elemento vital e evocativo. A lembrança de ser colocada pela mãe numa bacia d’água para se acalmar é símbolo de cuidado, acolhimento e sensibilidade. A água, desde então, torna-se signo da sensorialidade e do imaginário, assumindo funções de mediação emocional e narrativa.

A lembrança da bacia d’água na infância, enquanto gesto de cuidado e apaziguamento, pode ser compreendida à luz de Gilbert Durand (2001) como parte

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

de uma verdadeira bacia de imaginários: um espaço simbólico onde se depositam, organizam e ressoam imagens fundamentais que estruturam a sensibilidade.

Para Durand (2001), os imaginários não emergem isoladamente, mas se acumulam em camadas que formam um campo dinâmico de sentidos, no qual símbolos de mesma natureza convergem e se fortalecem mutuamente. Assim, a bacia concreta da infância inaugura um núcleo imaginal de correnteza que persiste ao longo da experiência, articulando água, acolhimento, repouso e retorno. Essa primeira imagem torna-se matriz simbólica que reverbera em outras águas: rios, chuvas, margens, gestos. Constituindo um regime imaginal em que a bacia confluem memórias, afetos e modos de percepção do que atravessa.

A relação da autora com a água transforma-se com o tempo. A vida adulta propõe diferentes atravessamentos sobre a água e os rios. Enchentes, secas e crises ambientais compõem o cenário contemporâneo e desafiam a lógica de segurança atribuída à natureza. A água torna-se, assim, ambivalente: fonte de vida e de destruição.

A simbiose entre memória e água acompanha igualmente as transformações sociais do país. Nascida em Belo Horizonte, a autora cresceu em um contexto marcado pelo Plano Real, por mudanças tecnológicas e por uma paisagem imagética ainda dominada pela fotografia analógica, que desempenha papel fundamental em sua compreensão do tempo e da memória.

A perda precoce do pai aos cinco anos acentua a potência simbólica das imagens. Fotografias tornam-se dispositivos de permanência. Assim como a canoa do pai do conto “A terceira margem do rio” (Rosa, 1994), a figura paterna torna-se imagem suspensa: sempre presente, jamais acessível. A fotografia é a canoa que o mantém à superfície no rio da memória.

No conto de Guimarães Rosa, o pai retira-se para uma existência entre as margens, numa canoa. A fotografia, na experiência da autora, constitui esse mesmo tipo de entre-lugar-rio. Ela não permite o salto definitivo para fora da imagem; sustenta uma presença ao mesmo tempo preservada e ameaçada de desaparecer.

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

A fotografia do pai da autora nos álbuns de família - jovem, imutável - confronta a autora com a própria passagem do tempo. A imagem não envelhece, mas aquele que observa envelhece. A fotografia encarna, portanto, o que Bachelard chamaria de tempo vertical: um instante espesso, não cronológico, onde o passado não cessou de vibrar.

Este entendimento poético da temporalidade fotográfica reforça o lugar da imagem como símbolo central da pesquisa. Ela é rio intensa e profunda guardando camadas íntimas do inconsciente e do imaginário.

Embora nascida em Belo Horizonte, a autora vive grande parte da vida em Contagem, transitando entre as duas cidades para estudo, consultas médicas e lazer. Nessas viagens, observa Rio Arrudas, que corta o trajeto entre as cidades como uma terceira margem urbana: implantado entre pistas, muros e concreto, mas ainda assim vivo, resistente, pulsante.

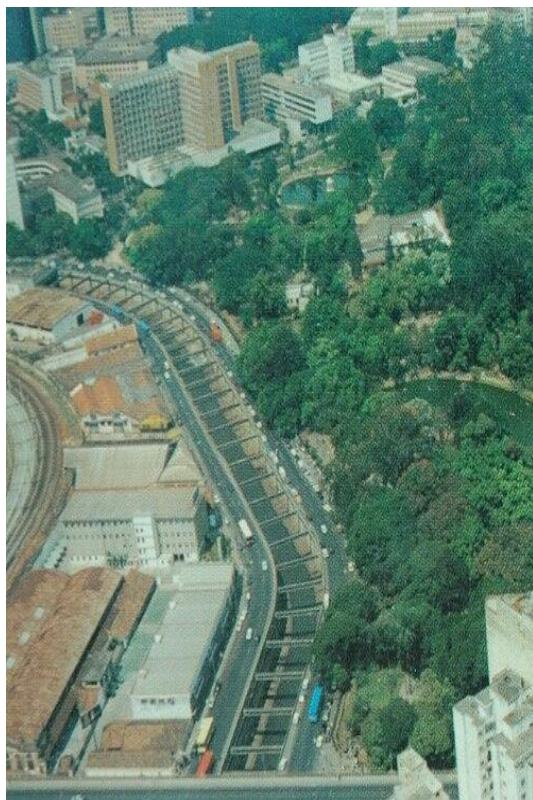


Imagen 1. Canalização do Rio Arrudas, 2000. Digital.
Fonte: APM - Arquivo Público Mineiro (<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>)

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

O Arrudas (Figura 1), com cerca de 47 km de extensão - sendo 37 km dentro de Belo Horizonte - é mais que um curso d'água: é personagem formadora da paisagem afetiva da autora. A nascente, localizada em Contagem, conecta-se simbolicamente ao deslocamento diário da infância. Rio, assim, é um eixo geográfico e emocional.

Ao longo do curso, afluentes com nomes diversos: Taquaril, Leitão, Ferrugem, entre outros, constroem uma cartografia sensível que, curiosamente, soma 19 afluentes. A canalização do Arrudas nos anos 2000 marcou a autora: o desaparecimento de um rio da paisagem visível (Figura 2). Aquele rio que embalava o trajeto da infância fora engolido pelo concreto (Figura 3), tornando-se ausência cotidiana.



Imagen 2. Canalização do Rio Arrudas, 2000. Digital.
Fonte: <https://curraldelrei.blogspot.com/2010/11/qualquer-semelhanca-nao-e-mera.html>

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS



Imagen 3. Canalização do Rio Arrudas, 2010. Digital (Mesmo lugar da Imagem 2).
Fonte: <https://curraldelrei.blogspot.com/2010/11/qualquer-semelhanca-nao-e-mera.html>

Em 2015, a autora assiste, agora adulta, ao rompimento da barragem de Fundão, em Mariana. A lama atinge o Rio Doce e alcança o mar do Espírito Santo, lugar das férias familiares e da última fotografia que a autora tem com o pai. Esse encontro entre tragédia e memória intensifica a simbologia das águas.

A fotografia diante da perda, ainda que opere como registro visual, não assegura qualquer estabilidade à memória. Recordar é sempre um processo dinâmico, reconstruído a cada evocação; cada experiência presente reorganiza o passado, redescrevendo-o. Assim, a fotografia não funciona como espelho objetivo do real, mas como ponto de partida para um jogo permanente de ressignificações subjetivas.

Em contextos de tragédias ambientais, como enchentes, desastres ambientais, a perda de fotografias pessoais implica um rompimento material com a memória afetiva. Daniel Muller, em “Trecos, Troços e Coisas”, enfatiza que objetos cotidianos funcionam como extensões da identidade e da história pessoal; sua destruição, portanto, desarticula vínculos simbólicos que sustentam a própria narrativa de vida.

Nos desastres naturais, fotografias familiares são arrastadas pela correnteza, apagando registros de experiências íntimas e genealogias afetivas. Nesse jogo tenso

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

entre perda e busca, a relação entre água e fotografia ultrapassa a dimensão material e revela um campo de disputas entre esquecimento, memória e resiliência cultural, onde a imagem torna-se parte do esforço de reconstruir não apenas casas, mas também identidades.



Imagen 4. Rio doce, Desastre de Mariana (MG), 2015. Digital.
Fonte: Jornal O Globo. Foto: Daniel Marenco

As águas que antes acolhiam agora destroem. As águas doces que guardavam lembranças agora soterram cidades. As águas doces que recebiam a infância agora carregam rejeitos de mineração. A experiência voluntária da autora em Mariana reforça a conexão emocional com os rios, revelando a urgência de pensar a memória também como território em risco.

A água, como o inconsciente, pode transbordar. Pode devastar. Mas também pode revelar, trazer à tona o que estava soterrado, convocar lembranças e ressignificações.

Nesse sentido, a reflexão de Durand (2001) sobre a “bacia semântica” da água, entendida como campo simbólico carregado de afetos, sonhos e imagens poéticas,

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

revela a dimensão profunda dessa perda. A bacia hidrográfica, espaço físico de convergência das águas, dialoga com a bacia semântica como território do imaginário onde a água representa continuidade, profundidade e transformação. E a fotografia articula vida com base em sensibilidades produzidas no encontro com as águas.

Retomando Bachelard (1988), a água é matéria de devaneio profundo. Carrega as potências simbólicas da fluidez, da dissolução, da ancestralidade. Nos rios atravessados pela autora (ou que a atravessaram): Arrudas, Doce, Taquari - a água adquire camadas de sentido que misturam perda, pertença e memória.

A cidade, por sua vez, é o espaço onde essas águas operam. Rios canalizados, rios poluídos, rios invisibilizados. Todos revelam o embate entre o tempo sólido da terra (capitalista, cronológico) e o tempo líquido das águas (poético, vertical).

Esse tensionamento permite compreender os rios como elementos que articulam: memórias pessoais (o pai, a infância, as viagens); memórias territoriais (enchentes, desastres, canalizações); memórias imagéticas (as fotografias que preservam e transformam o passado).

Assim, a água é simultaneamente símbolo e método: conduz, orienta o olhar, estrutura o pensamento. Atualmente, observa-se uma nova dimensão das tragédias ambientais: se antes as enchentes apagavam histórias, memórias e identidades, agora a seca também se impõe como fenômeno ameaçador. O rio, outrora temido por sua força destrutiva, passa igualmente a ser temido por sua fraqueza. Quando atinge níveis históricos de escassez, revela-se uma outra face do medo ligado à água: não apenas a violência de sua presença excessiva, mas o vazio inquietante de sua ausência. Nesse cenário, a água afirma-se como elemento eminentemente paradoxal, capaz de gerar vida e simultaneamente de suspendê-la; de guardar memórias e também de apagá-las. Entre excesso e falta, entre fluxo e retração, a água inscreve-se como força simbólica que oscila entre criação e aniquilação, convocando formas distintas de lembrar, esquecer e resistir.

Se o rio segue seu curso desde a nascente até o mar, este artigo procurou acompanhar o fluxo que conecta a memória individual às paisagens urbanas,

CAMPO DE CONFLUÊNCIAS

ambientais e imagéticas que a constituem. A água, como elemento simbólico, emerge como elo entre tempos, lugares e experiências afetivas, funcionando como núcleo estruturador da pesquisa sobre fotografia analógica e imaginário.

Tal como a fotografia suspende o tempo, a água do rio suspende as fronteiras. Ambas operam entre margens, sustentando aquilo que permanece e aquilo que escapa. A água e a fotografia são vistas aqui como motivadoras de reflexões internas e externas, carregadas de ambivalências. Opostas e análogas respectivamente, como a vida e a morte, duas faces da mesma moeda.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1988.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio**. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.
- VIOLA, Paulinho da. **Foi um rio que atravessou a minha vida**, 1969. [disco/vinil/CD].